



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

FRANCINETE GOMES SERRA

DA CHANTAGEM AO REINADO: A relação entre Juliana e Luísa em “O primo Basílio”.

Itapecuru-Mirim
2017

FRANCINETE GOMES SERRA

DA CHANTAGEM AO REINADO: A relação entre Juliana e Luísa em “O primo Basílio”.

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, como pré-requisito para a obtenção da conclusão de curso.

Orientador: Prof. Esp. Tiago Oliveira.

Itapecuru-Mirim

2017

FRANCINETE GOMES SERRA

DA CHANTAGEM AO REINADO: A relação entre Juliana e Luísa em “O primo Basílio”.

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, como pré-requisito para a obtenção da conclusão de curso.

Orientador: Prof. Esp. Tiago Oliveira.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Esp. Tiago Oliveira
Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim

Celine Maria de Sousa Azevedo
Prof.^o. Esp.
Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim

Maria da Conceição Aparecida Nogueira da Cruz Muniz
Prof.^o. Esp.
Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim

A Deus que se mostrou criador, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro bem presente na hora da angústia.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pois sem Ele eu não teria forças para essa longa jornada. Aos meus pais, Francisca e Mariano, mãe seu cuidado e dedicação foi que deram em alguns momentos a esperança para seguir, obrigada.

Aos meus irmãos pelo apoio. Ao meu amado esposo, André Santos, pessoa com quem amo partilhar a vida, com você tenho me sentido mais viva.

Aos amigos pelo apoio que contribuiu muito para que esse trabalho fosse realizado.

Ao meu orientador, Tiago Oliveira pelo suporte no pouco tempo que lhe coube.

À Universidade, seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de fazer o curso.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Quando não se tem aquilo que se gosta é necessário gostar-se daquilo que se tem”.

Eça de Queirós

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade analisar a obra “O primo Basílio”, de Eça de Queirós, a fim de esboçar a relação entre a criada Juliana e a patroa Luísa, demonstrando de que forma aconteceu a ascensão da empregada dentro da trama chegando a atuar como patroa e tratando a outra como empregada a partir de uma chantagem milimetricamente planejada. Utilizou-se como aporte principal a própria obra, que narra um caso de traição e chantagem, na qual o autor consegue manter o leitor envolvido com os acontecimentos a cada capítulo por se tratar de coisas atípicas para a época em que o enredo se passa. Apesar da obra ter sido publicada há muitos anos, a partir da leitura da mesma é possível relacionar com os dias atuais em que as relações têm sido tão banalizadas e muitas pessoas têm-se valido de chantagens, assim como Juliana, para conseguirem alcançar seus objetivos. Este estudo foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando com base livros, revistas, artigos específicos, entre outros.

Palavras-chave: Chantagem. Reinado. Luísa. Juliana.

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the work "The cousin Basílio", from Eça de Queirós, in order to sketch the relationship between the maid Juliana and the mistress Luísa, demonstrating how the rise of the first one in the plot came to act as mistress And treating the other as a maid based on a millimeterly planned blackmail. The work itself was used as a main contribution, which narrates a case of betrayal and blackmail, in which the author manages to keep the reader involved with the events in each chapter because they are atypical things for the time when the plot is going on. Although the book has been published for many years, it is possible to relate to the current day that relationships have been so trivialized and many people have used blackmail, like Juliana, to achieve their goals. This study was based on bibliographical research, based on books, journals, specific articles, among others.

Keywords: Blackmail. Reign. Luisa. Juliana

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | O AUTOR | 11 |
| 2.1 | Biografia..... | 11 |
| 2.2 | Escola Literária a qual pertence..... | 12 |
| 3 | SOBRE O ROMANCE | 15 |
| 3.1 | Contexto histórico da obra e de Portugal..... | 17 |
| 3.2 | O segredo de Luísa..... | 18 |
| 3.3 | As estratégias de Juliana..... | 19 |
| 4 | DA CHANTAGEM AO REINADO | 22 |
| 4.1 | A relação entre Luísa e Juliana..... | 25 |
| 4.2 | Juliana no poder..... | 27 |
| 4.3 | O fim do reinado..... | 30 |
| 4.4 | O desfecho trágico..... | 33 |
| | CONCLUSÃO | 36 |
| | REFERÊNCIAS | 38 |
| | ANEXO A | 39 |
| | ANEXO B | 42 |

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve a pretensão de analisar a disputa pelo poder entre duas mulheres, ambas com classes sociais e personalidades diferentes – Luísa e Juliana – relativamente, patroa e empregada.

Nesse estudo será demonstrada a subida e o caimento da empregada, que ao descobrir um segredo, faz chantagem com a patroa, apoderando-se de sua posição, gozando-se de seus bens e finalmente, estabelecendo as ordens da casa, ou seja, da chantagem Juliana vai ao reinado, tornando Luísa em sua subordinada.

Diante disso, será apresentada a relação entre Luísa e Juliana descrita por Eça de Queirós em “O primo Basílio”, dando ênfase à disputa pelo poder e ao segredo que ocasionou a chantagem que levou Juliana ao reinado.

O universo de pesquisa do projeto será compreendido por referenciais teóricos e trabalhos realizados na área da literatura sobre a temática abordada, porém a obra “O primo Basílio” de Eça de Queirós será utilizado como aporte principal para esta pesquisa.

O propósito do presente trabalho foi analisar a relação entre Luísa, uma jovem da burguesia que foi infiel a seu marido, traindo-o com um antigo amor, seu primo Basílio e Juliana, a empregada que almeja o lugar da patroa e faz usa o segredo para conseguir esse lugar à base de chantagem. Nesse trabalho foi abordado o antes e o pós-reinado de Juliana, a empregada que se tornou patroa de uma residência burguesa, bem como a batalha de Luísa para despojar-se da opressão da criada e, assim, resgatar seu poder.

A estrutura desta pesquisa foi pensada de forma a realizar a análise de forma clara e seguindo os fatos cronológicos conforme a obra segue, destarte possui quatro capítulos, o segundo deles que vem logo após a introdução traz uma abordagem sobre o autor, falando sobre sua história de vida e suas principais obras, dando ênfase à escola literária a qual pertencem suas obras. Em seguida o terceiro capítulo trata sobre o romance, buscando elucidar o segredo de Luísa e as estratégias de Juliana para tomar o poder.

O quarto capítulo trata sobre a ascensão de Juliana, como ela se tornou a patroa através de sua chantagem, nesse mesmo capítulo será abordada a relação entre Luísa e Juliana, bem como o curto reinado da criada e também sua queda. O último capítulo traz a conclusão e logo em seguida as referências das obras que serviram de aporte para a realização deste trabalho.

2 O AUTOR

2.1 Biografia

José Maria Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, em um lugar chamado Póvoa de Varzim, em Portugal. Foi criado por seus avós, pois seus pais não eram casados. Mudou-se aos 10 anos de idade para Porto, onde, no colégio da Lapa, concluiu os seus primeiros anos de estudo. Ingressou, na universidade de Coimbra em 1861 no curso de Direito. Nesse período, ele conheceu Antero de Quental e outros pensadores que criaram a Geração 70. Juntos, se levantaram contra as antigas formas de ensino da época, enfrentaram o conservadorismo e o retardamento técnico científico da sociedade portuguesa.

Após 1866, já em Lisboa, Eça ficou dividido entre a advocacia e o jornalismo, porém nesta primeira profissão não obteve sucesso. Integrou-se, no grupo Cenáculo em 1868, motivado por seu amigo Antero e, em 1870, foi um dos participantes nas Conferências do Casino, este acontecimento foi um marco para o início do período realista em Portugal. Neste mesmo período, lançou, em companhia de Ramalho Ortigão, o folhetim *As Farpas*. Tornou-se dirigente do Concelho de Leiria, em 1871, nesta ocasião surgiu que o tão criticado livro, *O Crime do Padre Amaro*. Posteriormente, seguiu na carreira que era sua ambição há muitos anos, a diplomacia, em 1873 foi nomeado Cônsul em Havana. No ano seguinte começou a residir na Inglaterra, local onde escreveu as prévias das letras de um dos seus maiores romances: *O Primo Basílio*.

“*O primo Basílio*” foi publicado em 1878, obra polêmica para a época e realista que inovou aquilo que se conhecia. Aos 40 anos, casou-se, com D. Maria Emília de Castro, depois de casado, apegou-se compulsivamente à vida literária. Por fim, fixou-se em Paris, cidade em que sempre desejara viver, lá escrevera *Os Maias*, outro famoso e consagrado livro do autor. Escreveu além de romances, contos e poemas, foi um dos mais ilustres, escritor português.

Morreu aos cinquenta e quatro anos, no dia 16 de agosto de 1900 em Paris, deixando uma viúva, quatro filhos e várias obras que foram publicadas aos poucos. Pode-se observar, portanto, que a vida de Eça de Queirós não fora tão longa, porém, suas obras retratam o grande autor que ele era, demonstram a sua capacidade e o realismo presente em suas linhas propõe uma literatura desafiadora e inovadora para a época.

2.2 Escola Literária a qual pertence

Eça de Queirós, escritor português elaborou seus primeiros trabalhos com aspectos românticos. A segunda fase, no, contudo, foi apontada para o realismo. O escritor foi um dos causadores pelo princípio do realismo em Português. Uma das caracterizantes desse movimento literário, foi “O Crime do Padre Amaro”, mostra uma concepção mais crítica da sociedade, diferenciado do romantismo que antecedeu o movimento. Eça de Queirós esquivou-se do modo clássico de escrita, apostando na elaboração do texto com uma maior liberdade.

Ao mesmo tempo que o Romantismo explorava acontecimentos que precediam o casamento, como os obstáculos que os adolescentes, sendo a maioria dos seus protagonistas, enfrentavam até chegar ou não ao propósito principal: o matrimônio como meio de satisfação amorosa, no Realismo buscava demonstrar situações que a classe média almejava encobrir após o casamento.

A vista disso, Eça de Queirós, escritor realista revela com mais frequência a infidelidade conjugal, revelando-a muito mais frequente do que se fazia imaginar a aparente harmonia da burguesia romântica, fazendo-lhe cair a fachada mentirosa. Os escritores realistas, planejavam modificar por meio da crítica, o hábito dessa classe social encarregada pelos destinos, econômicos, político e moral do estado, por que a burguesia era a principal compradora dos romances. Nessa perspectiva, pode-se garantir que Eça de Queirós começou no romantismo, mas em busca de descrever e atacar as infâmias da sociedade da época, traçou os caminhos do realismo.

Um homem de princípio literário destemido, Eça de Queirós retratou assuntos sensíveis, como por exemplo: crítica à Igreja Católica (O crime do Padre Amaro em 1875), o adultério (O primo Basílio em 1878) e o incesto (Os Maias em 1888). Sem dúvidas foi um influente e ousado pioneiro do romance realista.

Sem qualquer controle de crítica, Eça relatava as mazelas da sociedade, seu maior prazer era criticar a burguesia. A obra O primo Basílio é um modelo fiel de como o autor revelava a declinação da sociedade burguesa, focando no descobrimento do matrimônio, levando em conta o adultério e a hipocrisia.

O final do século XIX e início do XX, sobretudo, é um período decisivo no desenrolar da História de Portugal. É nesta época em que a Monarquia cede lugar à República, por exemplo. A situação política portuguesa agravava-se desde os fins do século XIX, quando

as raízes do republicanismo estavam bastante profundas no seio da sociedade, já havia, inclusive, um partido que defendia esta ideia com afinco, o Partido Republicano. O *Ultimatum*, em 1890, (ordem do governo inglês para a retirada das tropas portuguesas de Moçambique, para que o exército daquele reino pudesse circular livremente por suas possessões, vizinhas à colônia lusitana) deixa marcas no orgulho do povo português, pois acreditava-se que, por trás desse ato, havia o apoio incondicional do rei D. Carlos I à Inglaterra. Em consequência disso, popularizam-se, ainda mais as ideias republicanas.

Além de acontecimentos como estes, que anunciam o desenrolar do século XX, os avanços da ciência levam o homem a desenvolver variadas tecnologias e a descobrir a cura de doenças que durante anos afligiram a toda humanidade. Essa mesma humanidade, apesar de ter convivido com as consequências desastrosas das duas grandes guerras, não é capaz de conviver em paz.

Assim, em meio a todas as transformações pelas quais o mundo passava, entre o fim do século XIX e início do século XX, aparece uma série de novos movimentos artísticos - as Vanguardas. Elas surgem na tensão entre o desenvolvimento e os problemas sociais que não foram sanados no século XIX. As vanguardas criticavam a maneira como o progresso aceitava o homem moderno e como este homem estava tão absorto a ponto de não enxergar os efeitos da nova estrutura mundial.

Os movimentos de vanguarda, apesar de diferentes entre si, apresentam em comum o questionamento da herança cultural legada pelos séculos anteriores, ou seja, há um consenso de que os padrões acadêmicos e envelhecidos da arte, que se tornara conservadora, eram fatos pertencentes ao passado. O novo século precisava de novos padrões estéticos, que fizessem frente a um sistema já falido de representação da realidade, surgindo, assim, um quadro de rupturas com tudo que se referia ao passado.

Desta forma, uma das questões trazida à tona pelas vanguardas era o papel da arte na sociedade burguesa, daí seu caráter de autocrítica, não só em relação a mesma, mas também à estrutura social a qual a arte está constituída. Os movimentos históricos de vanguarda não puderam destruir a instituição arte, contudo acabaram com a possibilidade de uma determinada tendência artística de poder apresentar-se com a pretensão de validade geral. A ruptura histórica da arte inviabilizou certamente a chance de atribuir valores às normas estéticas, sejam elas quais forem. Com isso, surge uma renovação, ao se substituir a configuração estática do mundo por um mobilismo universal.

Os movimentos das vanguardas propunham uma oposição à lógica racional, ao bom gosto, ao realismo e às convenções artísticas; a exaltação de uma supra realidade que

poderia ser observada por meios que objetivavam o espírito crítico. Os surrealistas buscavam no inconsciente uma explicação para as respostas mais intrínsecas do ser humano; fugindo do utilitarismo da sociedade, almejavam a libertação dos constrangimentos de uma civilização presa a determinados dogmas e regras; e, sobretudo, procuravam a recuperação de todas as energias humanas internas e desconhecidas através do automatismo. (Duplessys, 1983, 9 *apud* OLIVEIRA, 2006).

3 SOBRE O ROMANCE

“O primo Basílio” é um dos principais exemplos de obra polêmica, mas que percorre gerações, provocando ainda hoje nas pessoas reflexões profundas sobre muitos temas. A obra trata de um tema que apesar de ter sido retratado há muitos anos, ainda é recorrente, é possível observar nos dias atuais situações como a vivida por Luísa e Juliana, talvez não abertamente, pois mesmo com a vida moderna muitos tabus ainda não foram quebrados, mas histórias como essa se repetem constantemente.

Eça de Queirós fora publicou a obra O primo Basílio em 1878, nessa época Portugal passava por uma revisão mental, e em decorrência disso a literatura também. Foi uma época em que o romantismo entrou em declínio, portanto a sociedade portuguesa estava começando a se adaptar a um mundo moderno, ou seja, os entendimentos superados já não podiam mais conviver com as vanguardas. Foi nesse clima de mudança que o romance realista apareceu, contrapondo-se ao estilo de romance romântico, que sempre era mais voltado para a ficção e o famoso “felizes para sempre”, que visavam além de divertir, imprimir conceitos conservadores.

O romance passa a ser, no Realismo, obra de combate, arma de ação transformadora da sociedade burguesa dos fins do século XIX. Instrumento de ataque e demolição, por um lado, e de defesa de ideais filosóficos, por outro. A oposição ao romance romântico continua em vários aspectos, de resto obedecendo ao caráter antirromântico do realismo. Procurando mostrar os erros básicos da mentalidade romântica, o romance realista (e o naturalista) propõe-se a revelar que seus alicerces estavam profunda e definitivamente abalados. (MOISÉS, 2008, p.259)

Nesse sentido o autor enfatiza que a prosa realista veio com uma finalidade transformadora, e com novas visões filosóficas.

A obra que será usada como aporte para a presente pesquisa precisa ser destacada como um exemplo fiel da forma que o autor evidenciava o declínio da instituição burguesa, sempre dando foco ao desmoronamento do casamento, ao adultério e a hipocrisia.

O romance é narrado em 3ª pessoa, apresenta um narrador com conhecimento ilimitado que não é capaz de afastar-se por completo de suas personagens, o que indica pelo emprego de um discurso livre indireto. Existe uma à proximidade entre quem relata e quem vive a história.

De forma fiel o autor reproduz as situações, os traços e os comportamentos humanos das personagens. Há um abuso no uso adjetivos, e um exagero no modo da

descrição. Neste romance a ironia é também intensamente presente. A história se passa na segunda metade do século XIX.

O espaço onde se passa toda a trama é Lisboa, e o Alentejo, mas existem outros lugares que não são mencionados diretamente pelo narrador, apenas referidos, como o Paraíso e Paris. O cenário da crítica do escritor, é Lisboa por onde as personagens circulam e expõem suas condições socioeconômicas e históricas, é a sociedade portuguesa.

O Alentejo é o espaço que separa Jorge de Luísa, deixando-a num vazio incessante. Paris é o cenário que devolve Basílio à Luísa, trazendo alegria de uma nova vida cheia de gozos e aventuras. A casa é o local privilegiado do romance, ocorrem as cenas entre patroa e empregada. As personagens de O Primo Basílio podem ser consideradas o modelo da futilidade, da ociosidade daquela sociedade.

As principais personagens da trama são Luísa e Juliana, embora existam outros muito importantes como, por exemplo, Basílio que era conquistador e irresponsável, Jorge, marido de Luísa, personagem carregado de hipocrisia masculina que julgava mulheres que tinham amante, Leopoldina, adúltera e fumante, oposto da moral da época. No entanto, neste trabalho, a análise se dá sobre as personagens citadas inicialmente, Luísa e Juliana.

Luísa relata na obra a jovem romântica, imprudente em suas atitudes, a infiel ingênua e, no final, arrependida. É a imagem da vulgaridade, da fraqueza e do comodismo que caracterizavam as damas da sua classe média de seu tempo. Quando se vê sem o amparo do marido, a mimada sonhadora Luísa, busca proteção e abrigo nos braços do seu antigo amor, o primo. Juliana é sem dúvida a personagem mais completa e acabada da obra, tem sido vista como a figura do sofrimento e do tédio em relação à profissão. Virgem, feia, solteira, bastarda, é insatisfeita com sua situação e por causa disso odeia a tudo e a todos. Não se detendo diante de qualquer sentimento de fundo moral. É a maior representante das pessoas que circundavam a casa do engenheiro.

Como já foi mencionado, esse romance é o segundo que marca a transição de Eça de Queirós do romantismo para o realismo, ele trata com tamanha propriedade sobre questões pouco mencionadas na época, quebra tabus e tenta relatar para a sociedade burguesa que a perfeição que queriam ostentar na verdade não existia, ele era um autor que retratava a sociedade tal como era e isso incomodou na época, na obra em questão, além de tratar sobre o adultério por parte da mulher, que era ainda mais escandaloso, o autor buscou demonstrar a forma como a classe dominante tratava a classe dominada, a forma como os menos favorecidos viviam e seu desejo de ascensão, bem como as coisas que essas pessoas eram capazes de fazer para alcançarem seus objetivos

3.1 Contexto histórico da obra em Portugal

A burguesia consegue definitiva ascensão ao poder político na Europa no final do século XVIII. A Revolução Francesa de 1789 foi o marco histórico desse processo. A consolidação do poder burguês se fez de forma expressiva durante o século XIX, principalmente por causa do desenvolvimento que o capitalismo alcançou neste período. Houve uma grande industrialização que acentuou os mecanismos de exploração social do sistema capitalista.

Os países industrializados disputavam o tempo todo, as áreas de exploração de matérias-primas e os mercados de consumo de manufaturados. Deu-se então um processo conhecido como Imperialismo. As desilusões com os rumos da Revolução Francesa apareceram ainda no momento romântico, mas este quadro aumentou ainda mais a decepção. O espiritualismo e o sentimentalismo, bases do Romantismo, cederam espaço às concepções materialistas e realistas.

A realidade passou a ser objeto de estudo e em toda a Europa surgiram filosofias que buscavam explicá-la através de parâmetros científicos: tratava-se do cientificismo. O Positivismo foi a mais representativa dessas filosofias. O positivismo surgiu a partir dos escritos de Auguste Comte e pretendia constituir uma teoria geral do conhecimento, a partir da qual todos os aspectos da realidade poderiam ser explicados e normatizados.

O determinismo foi uma outra tentativa nesse sentido, de acordo com esse pensamento as ações humanas poderiam ser determinadas e previstas a partir da análise de alguns fatores básicos, como o meio social, a etnia dos indivíduos envolvidos naquelas ações e o momento histórico em que elas aconteceram. Darwin escreveu em 1859 a Origem das espécies e através de seus estudos chegou à conclusão de que existe um Evolucionismo e as Leis das Selvas, o que também contribuiu em muito para o cientificismo.

Em Portugal, o Romantismo iniciou com a edição do poema de Camões, de João Almeida Garrett. Redigido no instante em que o país se encontrava sob controle inglês e encarava sérios conflitos políticos, o poema tenta recordar o passado e a vanglória da sociedade portuguesa.

3.2 O Segredo de Luísa

Jorge um engenheiro bem-sucedido e Luísa, uma moça romântica e sonhadora, são os protagonistas dessa obra. Formam o típico casal burguês de classe média da sociedade lisboeta do século XIX. Para completar a felicidade do casal faltava-lhe apenas um filho. Havia um grupo de amigos que frequentava sempre a casa do casal. Luísa ainda mantém amizade com uma antiga colega, Leopoldina que é uma mulher conhecida por suas contínuas traições e adultérios, o que não é bem visto pelo marido. Por conta disso, Juliana, a empregada maldosa, espera apenas uma oportunidade para apanhar a patroa em flagrante.

A felicidade e a segurança de Luísa passam a ser ameaçadas quando Jorge viaja a trabalho para Alentejo a fim de fiscalizar suas minas. Após a partida, Luísa fica enfadada sem ter o que fazer, no tédio e em uma melancolia pela ausência do marido. É nesse período que Basílio chega do exterior. Ele e Luísa haviam namorado antes dela conhecer Jorge. O primo é um conquistador que não leva muito tempo para reconquistar o amor de Luísa, agora transformado em ardente paixão e isso faz com que Luísa pratique o adultério.

E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações! (QUEIRÓS, 2008, p.126)

Nesse trecho o autor demonstra o quanto Luísa estava envolvida com o primo Basílio, denota ainda que ela não recebia o mesmo afeto do marido quando fala que era a primeira vez que alguém escrevia com tamanho sentimento para ela, logo a jovem sentiu-se orgulhosa, as palavras do primo serviram para aflorar ainda mais a paixão que ela tinha desenvolvido por ele e embora ela tenha negado uma resposta para a primeira carta, Luísa sentiu enorme felicidade, no entanto, vale mencionar que o seu segredo tornava-se maior a cada instante e mal sabia ela que aquele seria o início de um tormento em sua vida, que a carta que ela ficara tão feliz em receber lhe traria enorme desgosto em breve.

E imóvel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: "Tenho um amante!" Recordava a sala na véspera, a chama aguçada das velas, e certos silêncios extraordinários em que lhe parecia que a vida parara, enquanto os olhos do retrato da mãe de Jorge, negros na face amarela, lhe estendiam da parede o seu olhar fixo de pintura. Mas Juliana entrou com um tabuleiro de roupa passada. Eram horas de se vestir... (QUEIRÓS, 2008, p.127)

Percebe-se o que Luísa estava sentindo naquele momento, ela conseguia repetir para si mesma o que estava acontecendo entre si e o seu primo, dizer “Tenho um amante! ” Para ela era como se sentisse mais viva, pode-se observar ainda que Luísa não era uma mulher com inclinação para o adultério, mas o fato de estar sozinha, não ter filhos e sentir a falta do marido, que diga-se de passagem era um homem extremamente conservador, foram os principais fatores que a levaram a cometer o adultério e se entregar ao sedutor Basílio, pois ao contrário do seu marido, era um homem carinhoso que a tratava de forma especial e tinha sido seu namorado há alguns anos.

Luísa ergueu-se, com um salto, lívida. Era Jorge! Amarrotou convulsivamente a carta, quis escondê-la no bolso, — o roupão não tinha bolso! E desvairada, sem reflexão, arremessou-a para o sarcófago. Ficou de pé, esperando, as duas mãos apoiadas à mesa, a vida suspensa. (QUEIRÓS, 2008. P.129)

A ingenuidade de Luísa não deixou que ela se desse conta do quanto estava se deixando levar pela paixão avassaladora que estava sentindo pelo primo, mesmo tendo dito a princípio que a carta não tinha resposta, voltou atrás na sua decisão e decidiu escrever uma carta para seu amante, mas estava sobressaltada por saber que estava fazendo algo errado e ao primeiro sinal de perigo desesperou-se acreditando que seria surpreendida por Jorge, seu marido, porém, se desfez da carta de modo brusco, colocando em risco seu segredo.

3.3. As estratégias de Juliana

Juliana fora enfermeira de D. Virgínia Lemos, tia de Jorge, uma velha rica que apesar de rabugenta não era nada apegada a dinheiro, sua esperança era que fosse lembrada no testamento e que garantisse pelo menos um conto de réis, dinheiro com o qual ela fizera planos, no entanto, a velha faleceu e Juliana não fora mencionada no testamento, isso a deixou ainda mais amargurada e infeliz.

O fato de Juliana já trabalhar infeliz naquela casa e sentir-se menosprezada fez com que ela pensasse em um plano que a colocasse em uma boa posição na sociedade ou pelo menos lhe garantisse a aposentadoria, como pode-se perceber durante a leitura da obra, a criada estava atenta a todos os passos da patroa, embora disfarçasse bem e fingisse ser discreta quanto a isso, Juliana demonstra sutilmente que está desconfiada de Luísa, a ocorrência de tratar bem a sua patroa só dá ênfase à ideia de que sua primeira estratégia foi a aproximação.

Desde pela manhã a Joana achava-lhe o ar esquisito. Sentira-a desde às sete horas varrer, espanear, sacudir, lavar as vidraças da sala de jantar, arrumar as louças no aparador. E com uma azáfama! Ouvira-a cantar a Carta adorada, ao mesmo tempo que os canários, nas varandas abertas, chilreavam estridentemente ao sol. Quando veio tomar o seu café à cozinha não palestrou como de costume; parecia preocupada e ausente. (QUEIRÓS, 2008, p.125)

Como já foi mencionado, Juliana passou a atentar para pequenos detalhes, durante toda a narrativa é possível compreender que a criada está insatisfeita com a vida que tem e percebendo que Luísa quer lhe ver pelas costas começa a buscar formas de garantir não só seu emprego, mas almeja conseguir algo que faça mudar de vida, com que consiga benefícios. O trecho citado a cima demonstra como o humor dela mudou, Joana, a cozinheira, percebe que a companheira de trabalho chegou a cantarolar, na verdade, uma canção sugestiva cujo título era “carta adorada”, mais uma das estratégias de Juliana para tomar o poder.

— Você despejou o caixão dos papéis? — Despejei, sim, minha senhora — respondeu muito tranquilamente. E com interesse: — Por quê, perdeu-se algum papel? Luísa fazia-se pálida. — Foi um papel que eu atirei para o caixão. Onde o despejou você? — No barril do lixo, como é costume, minha senhora; imaginei que nada servia... (QUEIRÓS, 2008, p.130)

O medo e o descuido de Luísa fazem com que ela perca a carta que estava escrevendo para Basílio como demonstra o texto a cima, sua aflição é evidente, mas as estratégias de Juliana não param por aí como demonstra o autor no trecho a seguir:

Juliana parecia aflita: — Jesus, senhor! Eu podia lá adivinhar! Mas para que não disse a senhora?... — Bem, bem, a culpa não é sua, mulher... — Credo, que até se me está a embrulhar o estômago... E é coisa de importância, minha senhora? — Não, é uma conta... — Valha-me Deus!... (QUEIRÓS, 2008, p.131)

“Juliana parecia aflita”, a criada fingiu-se de preocupada para não levantar suspeitas, vale mencionar que a obra “O primo Basílio” tratada no presente trabalho fora publicada há mais de um século, no entanto, sua mensagem é bastante atual, infelizmente é comum na sociedade moderna a busca incessante por poder, pessoas agindo de má fé, utilizando-se de artimanhas para conseguirem atingir seus objetivos e realizarem seus planos, porém, como pode-se perceber nessa obra, Juliana não agiu impulsivamente, o que nos remete mais uma vez à atualidade do tema, a criada, embora não sendo bonita ou culta como gostaria soube esperar o momento ideal para usar seu trunfo contra a patroa, essa foi mais uma de suas estratégias para conseguir a tomada do poder.

Apenas Luísa começou a sair todos os dias, Juliana pensou logo: 'Bem, vai o gajo!' E a sua atitude tornou-se ainda mais servil. Era com um sorriso de baixeza a abrir a porta, alvoroçada, quando Luísa voltava às cinco horas. E que zelo! Que exatidões! Um botão que faltasse, uma fita que se extraviava, e eram mil perdões, minha senhora", "desculpe por esta vez", muitas lamentações humildes. Interessava-se com devoção pela saúde dela, pela sua roupa, pelo que tinha para jantar... (QUEIRÓS, 2008, p.139)

Enfatizando o que já foi mencionado, Juliana tornou-se uma pessoa mais prestativa, mas tudo isso não passava de parte do seu plano, todo o interesse e devoção que demonstrava para com sua senhora, nada mais era do que atuação, na qual ela desempenhava brilhantemente o seu papel de boa empregada, gentil e devotada.

E cada dia detestava mais Luísa. Quando pela manhã a via arrebicar-se, perfumar-se com água-de-colônia, mirar-se ao tocador cantarolando, saía do quarto porque lhe vinham venetas de ódio, tinha medo de estourar! Odiava-a pelas toaletes, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo homem que ia ver, por todos os seus regalos de senhora. "A cabra!" Quando ela saía ia espreitar, vê-la subir a rua, e fechando a vidraça com um risinho rancoroso: — Diverte-te, piorrinha, diverte-te, que o meu dia há de chegar! Oh, se há de! (QUEIRÓS, 2008, p.147)

O fato de Juliana saber o segredo de Luísa a deixava ainda mais revoltada com tudo, ela odiava sua senhora e fingir ser uma boa criada estava cada vez mais difícil, mas como estrategista que era, Juliana manteve a calma e como o autor descreve “saía do quarto porque lhe vinham venetas de ódio” e para não colocar tudo a perder preferia recuar em alguns momentos, ou seja, essa era mais uma das estratégias da empregada, se afastar para manter sua farsa e garantir sua vingança.

4 DA CHANTAGEM AO REINADO

Para melhor entendimento, suponhamos, que o convívio de Luísa e de Juliana seja parecido com relação de um rei com seu submisso. Luísa desempenharia aqui a soberana, pois era a governanta da casa, a dona do poder; eu lar seria a representação do seu reinado, local existiam as leis e regra deveria ser cumprida; Juliana, por ser criada, interpretaria à sociedade, a servidão, a submissão. Sendo assim, é importante perceber que o destino das duas estava quase determinado: Juliana a todo momento era submissa e Luísa sempre fora, de alguma forma a dama. No entanto, acontecerá uma troca de papéis em um determinado instante da narração.

Sabe-se que Juliana desejava uma vida melhor, vivia presa a uma sorte miserável, à medida que o tempo avançava, a esperança de uma velhice tranquila ia desaparecendo. Quando Basílio compareceu e começou a visitar a prima Luísa, Juliana sem demora suspeitou que esses encontros lhe trariam algum benefício. Logo a esperança renasceu de forma arrebatadora, e a alegria de uma suposta elevação social reaparece.

Então, a empregada começou a espionar os encontros, e a luta silenciosa é iniciada. Juliana ficou esperando algum descuido, algo temerário a qual pudesse arrancar dinheiro da patroa. No entanto, pela proporção dos encontros, já era provável que acontecesse alguma coisa entre Luísa e Basílio e, por um deslize da patroa, a criada foi se aproveitando de provas.

Com o passar do tempo, além de bilhetes, a empregada também cartas, estava desta forma armada, já conseguiria colocar em prática o seu golpe. Antes mesmo de planejar qual seria a hora certa de encarar a patroa, contando que sabia do romance, a criada foi surpreendida por um acontecimento que lhe provocara raiva.

Como já não tinha razões para ser humilhada, a empregada gritou contando que tinha em mãos as cartas as quais comprovariam traição.

A senhora não me faça sair de mim! A senhora não me faça perder a cabeça! — E com a voz estrangulada através dos dentes cerrados. — Olhe que nem todos os papéis foram para o lixo! Luísa recuou, gritou: — Que diz você? — Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui! — E bateu na algibeira, ferozmente. Luísa fitou-a um momento com os olhos desvairados, e caiu no chão, junto à causeuse, desmaiada. (QUEIRÓS, 2008, p.254)

Esta ocasião narra o começo da conquista de poder. Agora suponhamos o contrário do que foi apresentado anteriormente. Nesta altura, Juliana será a soberana, e Luísa representará a sociedade, além de que, o império continuará sendo o lar de Luísa, entretanto

este lar aos poucos, estará sob as regras de Juliana. A troca de papéis vai acontecendo pouco a pouco e a princípio é moderada, mas fica violenta ao ponto de Luísa tornar-se em empregada de Juliana, mais adiante esse acontecimento será descrito, com detalhes.

O objetivo de Juliana era somente ameaçar Luísa, com intenção de ganhar um bom dinheiro, para assim como a patroa, também ter uma vida de senhora. Depois de tudo descoberto, e com as cartas na mão, era chegada a grande ocasião de alcançar o seu tão desejado descanso. *“E o futuro, estava certo! Aquilo era dinheiro, o pão da sua velhice. Ah! Tinha-lhe chegado o seu dia! Todos os dias rezava uma salve-rainha de graças a Nossa Senhora, mãe dos homens!”* (QUEIRÓS, 2008, p.262), era o que dizia Juliana, regozijando.

Nessa altura Luísa encontrava-se sozinha, visto que Jorge ainda estava de viagem a trabalho no Alentejo, não tinha como pagar-lhe pelas cartas. Em um determinado momento chegou a pedir ajuda a Basílio, mas este, sentiu-se rodeado pela situação, arquitetou um pretexto e logo partiu para Paris, deixando-a sem meios para livrar-se da chantagem. Juliana desejava seiscentos mil-réis, nem um centavo a menos, ou o segredo seria revelado.

Juliana valeu-se de chantagem para conseguir o que queria, o trono, o título de dona do lar, trazendo para os dias atuais, pode-se perceber que há muitas pessoas que ainda utilizam de artimanhas como esta arquitetada pela criada para conseguirem obter sucesso, diariamente os noticiários, sejam por quaisquer mídia, veiculam notícias sobre corrupção, chantagens, pessoas aplicando golpes, tirando vantagens sobre as outras, no entanto, vale mencionar que hoje em dia, a maioria dos casos divulgados são de pessoas bem sucedidas na posição de chantagista que Juliana ocupava na obra.

Neste caso, pergunta-se o que pode ter acontecido com a sociedade atual? Acredita-se que a ambição tem crescido de forma significativa, quem tem condições financeiras quer ter cada dia mais, uma ânsia por crescimento, por mais riqueza que leva as pessoas a chantagearem outras. Contrastando com a situação em que Juliana se encontrava, era até certo ponto compreensível porque ela era pobre, não se encaixava no padrão de beleza estabelecido pela sociedade, não se conformava em ter que servir os outros, não era querida, não tinha amigos, todos esses fatores contribuía para que ela se tornasse cada vez mais amargurada e planejasse mudar de vida, usando para isso a chantagem.

Nesse contexto, faz-se necessário esclarecer que chantagem é um ato ou prática imoral ou criminosa que consiste em ameaçar revelar coisas ou informações sobre uma pessoa, a não ser que a pessoa ameaçada cumpra exigências, geralmente para proveito próprio, feitas pelo ameaçador. Pode-se definir a chantagem como sendo uma situação onde a primeira parte (quem faz a chantagem) exerce um processo de pressão e/ou tortura mental

sobre a segunda parte (quem sofre a chantagem) a fim de receber dessa algo de seu interesse, visto que a segunda pessoa não poderá (ou terá vontade de) consentir.

Existem diversos tipos de chantagem conhecidos, dentre os quais a chantagem emocional (onde a primeira parte ameaça atentar até mesmo contra a própria vida caso a segunda não ceda às suas exigências).

Teoricamente, chantagem não deve ser confundida com extorsão, processo ao qual recebe-se dinheiro ou outro bem material por sob coerção física, psicológica ou até mesmo sequestro ou outro meio não menos criminoso, no entanto a diferenciação pétreia que separa esses dois crimes está cada vez mais aproximada. A extorsão precisa de uma complementação por trás (como sequestro, tortura ou qualquer outra forma de coesão) enquanto a chantagem dispensa completamente qualquer imposição.

Na maioria das vezes, chantagem é o processo em que uma pessoa (chantagista) faz com que outra (chantageado) faça algo para ela por meio do medo, geralmente para não revelar um segredo ou algum outro dado que possa ser comprometedor. (Acidadãblog.sport. Maio2011).

4.1 A relação entre Luísa e Juliana

Desde o início do romance a relação entre Luísa e Juliana, e se dá de forma desagradável, até o instante em que Juliana por meio de sua artimanha adquire provas que podem deixar Luísa numa situação difícil, por essa razão a patroa se deixa envolver pelas chantagens da empregada e então acontece a inversão dos papéis a subordinada passa ao reinado, bem como a rainha agora cumpre as regras.

Luísa era uma moça formosa, assim a descrevia Eça de Queirós, ela possuía a pele branca e os cabelos loiros, seria simplesmente confundida com um anjo, seu comportamento era angelical, além de sua fisionomia, a jovem possuía outros encantos, tinha boa conduta, era elegante, habilidosa e era boa esposa.

Mas Luísa, Luisinha, saiu muito boa dona de casa: tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho, amiga do ninho e das carícias do macho [...]. É um anjinho cheio de dignidade! Dizia então Sebastião, o bom Sebastião, com sua voz profunda de *basco*. (QUEIRÓS, 2008, p.12)

Como pode ser observado através da visão do autor, a imagem de Luísa é isenta de qualquer insinuação maldosa, porém, ao longo da trama essa imagem de boa moça vai se

modificando de forma significativa, pois ela passa a demonstrar que é uma mulher capaz de fugir às regras e sair completamente do padrão esperado pela sociedade.

A primeira prova dada na obra de que Luísa não era o anjo que parecia, foi a amizade mantida com Leopoldina, uma adúltera que não se envergonhava em contar para Luísa suas aventuras amorosas, que lhe ouvia sem censurar e nem sequer lhe condenava, via as traições da amiga como se fossem uma fuga em busca da felicidade.

Ao acompanhar a narrativa entende-se que Luísa não era uma jovem insensata, mas também não se pode elogiá-la como um exemplo de descrição, mas vale destacar que ela não se escondia das vontades da carne e muito menos das glórias da vida. O autor descreve Juliana, como uma mulher que não era bonita, ao contrário de Luíza não possuía ar angelical, era mal-humorada, tinha uma vida infeliz, e nunca tinha boas notícias, era uma mulher mal-amada, pois nunca havia se casado, cheia de fantasias que jamais conseguiria alcançar.

Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de anos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde... Era demais! (QUEIRÓS, 2008, p.78)

Juliana não possuía dinheiro, além de ser carente de formosura era filha pai ausente e de uma engomadeira, sua vida sempre foi humilde. Sempre foi desprezada pelas patroas, pelas crianças e até mesmo por outras empregadas por onde passou. A medida que avançava o tempo, mais cansada e aflita ficava, tinha ódio das patroas, horror ao trabalho, a empregada nunca se habituou com sua posição de criada, apesar de viver obedecendo as regras sempre desejou a liberdade, mesmo sabendo que isso seria quase impossível de conseguir ela queria mesmo era mudar de vida, pois viver submissa era fardo pesado.

E nunca tivera um homem; era virgem. Fora sempre feia, ninguém a tentara; e, por orgulho, por birra, com receio de uma desfeita, não se oferecera, como vira muitas, claramente. O único homem que a olhara com desejo tinha sido um criado de cavalaria, atarracado e imundo, de aspecto facínora; a sua magreza, a sua cuia, o seu ar domingueiro tinha excitado o bruto. Fitava-a com um ar de bitódogue. Causara-lhe horror — mas vaidade. E o primeiro homem por quem ela sentira, um criado bonito e alourado, rira-se dela, opusera-lhe o nome de "Isca Seca. Não contou mais com os homens, por despeito, por desconfiança de si mesma. As rebeliões da natureza, sufocava-as; eram fogachos, flatos. Passavam. Mas faziam-na mais seca; e a falta daquela grande consolação agravava a miséria da sua vida. (QUEIRÓS, 2008, p.52)

A obsessão por mudar de vida fez com que a empregada vasculhasse as correspondências à procura de algo que pudesse ser útil, algum segredo que caindo nas mãos pudesse ajudar a realizar seus sonhos. Ela queria mais do que dinheiro, percebe-se através da trama que ela queria uma ascensão social, queria poder ditar ordens, mandar nas pessoas, além de conseguir também um homem para si.

Nunca se acostumara a servir. Desde rapariga a sua ambição fora ter um negócio Zito, uma tabacaria, uma loja de capelista ou de quinquilharias, dispor, governar, ser patroa, mas apesar das economias mesquinhas e de cálculos sôfregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim de anos; tinha então adoecido [...] E o dinheiro derreteria-se! (QUEIRÓS, 2008, p.78)

É possível perceber que ambas vieram de mundos completamente diferentes, no que se refere à posição social e criação, enquanto uma era angelical e possuía bons modos, a outra trabalhava porque não lhe haviam dado outra opção, porém seu desejo de mudar de vida era tamanho a ponto de arquitetar um plano elaboradíssimo para chantagear a patroa e assumir o seu lugar.

“— Tanto lhe recomendei, Juliana! — Disse Luísa. — Bem, vá. Veja como se arranja! Os coletes hão de ficar à noite na mala! E apenas ela saiu: — Estou a tomar ódio a esta criatura, Jorge! (QUEIRÓS, 2008, p.07)”

Luísa tinha verdadeira aversão a Juliana, ao contrário do marido que nutria tamanha consideração, levanto em conta tudo o que fizera para sua tia quando doente, por esse motivo, Jorge não permitia que a esposa demitisse a empregada, além disso ele a considerava uma excelente engomadeira, coisa que Luísa discordava veemente.

O fato de Luísa não gostar de Juliana, mesmo não a conhecendo, fazia com que o ódio da criada para com sua senhora aumentasse cada vez mais, com isso a relação das duas não era nada boa, Juliana vivia a resmungar e reclamar de seu trabalho e Luísa, por sua vez, vivia a dar-lhe ordens e reclamar que o serviço não ficava bem feito. Com esse relacionamento de gato e rato das duas eras impossível que a ideia de vingança alimentada por Juliana não se concretizasse, isto é, nesse sentido vale enfatizar que Luísa contribuiu para o desfecho lamentável do enredo.

É importante lembrar que a relação entre Luísa e Juliana na obra de Eça de Queirós não se dá só a partir da chantagem, mas durante todo o enredo percebe-se a diferença entre as duas, a antipatia que a senhora tinha para com a criada que por sua vez tinha inveja da patroa e motivada por essa inveja é que decide se vingar, mas não é só uma vingança, trata-se de algo mais, ela estava próxima da velhice e queria garantias para o seu futuro.

Embora as mulheres citadas tivessem classes sociais completamente diferentes, o bom relacionamento entre a patroa e a criada poderia acontecer, no entanto, pode-se afirmar que Luísa demonstrava antipatia pela outra desde a sua chegada, nem se dera o trabalho de conhecer Juliana, a empregada também não fez por merecer a afeição da patroa, estava sempre carrancuda e reclamando pelos cantos, não fazia suas tarefas direito e a sua revolta em ser pobre a impedia de se tornar uma pessoa agradável.

4.2 Juliana no poder

O ápice da obra de Eça de Queirós dá-se no capítulo sete quando Juliana toma as rédeas da situação e decide dizer à Luísa que está com as cartas que ela escreveu, esse é o momento em que o reinado de Juliana começa a se concretizar.

Como já foi mencionado, Juliana teve cautela e planejou suas ações, com isso foi se desfazendo de sua condição servil e compreendendo que poderia ganhar mais espaço. Iniciou como uma raposa, armando-se de astúcia, e foi aos poucos sondando as chances, analisando o que poderia conquistar. Fingiu com muita esperteza, para livrar-se das armadilhas, uma vez que Luísa poderia medir forças com ela, arrancando-lhe as cartas ou fazendo qualquer atrocidade. Mas era notório que nada disso aconteceria, compreendendo que Luísa era totalmente inofensiva e que sempre cedera aos seus pedidos, muitas vezes chegando a agradá-la sem haver intervenção.

Nesse contexto, vale ressaltar que Luísa foi responsável pelos avanços de Juliana, mesmo indiretamente, isso porque desde quando lhe deu o primeiro vestido, a golpista entendeu que poderia ganhar toda a casa, foi então que suas vontades burguesas afloraram mais ainda e sua astúcia também. E Luísa, em sua inocência, deixava-se ir, enganada pela paz que os presentes dados lhe traziam:

[...] Juliana entrou no quarto — com o vestido de seda preto no braço. Estendeu-o na causeuse, e mostrou a Luísa, na saia, ao pé do último folho, um rasgão largo que parecia feito com um prego; vinha saber se a senhora queria que o mandasse à costureira. [...] Luísa examinava-o hesitante: — Ele também não está novo... olhe, guarde-o para você! Juliana estremeceu, fez-se vermelha: — Oh! Minha senhora! — Exclamou. — Muito agradecida é um rico presente. Muito agradecida, minha senhora! [...]. Estava salva! Era presenteá-la, era fartá-la! Começou logo a pensar no que lhe podia dar mais, pouco a pouco: o vestido roxo, roupas brancas, roupão velho, uma pulseira. (QUEIRÓS, 2008. p.306-307)

Luísa satisfazia-se com a ilusão de que estava comprando a tranquilidade de Juliana e com isso, a sua também, mas na verdade construía seu caminho à servidão. Nesse período, Juliana aproveitava sua boa sorte e, visando longe, sempre aparecia muito agradecida, tratando Luísa como se não existissem segredos a serem guardados, ou promessas a serem respeitadas, dando, assim, um ar amistoso ao lar, pois era uma de suas qualidades saber ser falsa quando deveria.

Conseguir as cartas de Luísa fez com que Juliana revivesse a esperança de realizar os seus desejos, certa de que já tinha a liberdade, e sua boa vida estava segura. Sabe-se que o dinheiro exigido pelos papéis nunca foram, nem seriam pagos, mas os luxos não tardaram a

vir: dos vestidos de seda à senhora da casa, esse foi o triunfo de Juliana, da chantagem ao reinado, a realização da ascensão de Juliana estava de fato acontecendo.

A casa de Luísa foi o cenário em que tudo aconteceu desde o início, os maus tratos, a relação difícil com a patroa, a inveja que Juliana sentia do casal perfeito e toda a sua riqueza e principalmente o lugar onde se estabeleceu o reinado de Juliana, reino este que fora dominado e usurpado, fazendo de Luísa uma rainha deposta e, por conseguinte, sua serva humilhada.

Cabe aqui salientar que, para a mulher do século XIX, a casa era o bem mais valioso, segundo Dantas tomar o direito da ‘rainha do lar’ sobre a sua casa significa retirar-lhe a única atribuição de mando que ela conserva, e mais ainda: despojá-la do exercício da sua identidade burguesa” (1999, p.87). Por ter realizado isso Juliana não só ganhou vida burguesa, mas anulou Luísa de sua maior autoridade que era o comando do lar.

Juliana não só adquiriu o domínio da casa, mas também roubou o posto de senhora, passando a comandar inteiramente o lar. Juliana converteu Luísa como sua escrava, obrigando-a a fazer os serviços da casa, passar, a varrer. Para Juliana era uma grande alegria sentir esta autoridade, realizava, porém, os seus sonhos de uma vida inteira que era ser a senhora do lar, dar as ordens e poder fazer com outra pessoa tudo o que fizeram com ela.

Na ausência do marido, que se ocupa, portanto, do trabalho fora do lar, é a mulher burguesa quem desempenha o papel de autoridade e de controle da casa. Aí ela governa consoante a imitação dos poderes sociais que a transcende. Rege os mínimos detalhes, administra cada arranjo, dirige os criados, zela pela permanência dos bens domésticos [...] a casa apresenta-se como o microcosmos, “a grande máquina” da sociedade, onde a mulher, por procuração e representação, exerce o mando. (DANTAS, 1999, p.86-87)

Juliana era movida pela inveja e tudo o que conseguia era um sabor de vingança, pois naquele momento ela podia comparar-se à Luísa, sentia-se como uma burguesa como pode ser observado no trecho a seguir.

Às vezes só no seu quarto, punha-se a olhar em redor com um riso de avaro; desdobrava, batia os vestidos de seda; punha as botinas em fileira, contemplando-as de longe, extática; e debruçada sobre as gavetas abertas da cômoda contava, recontava a roupa branca, acariciando-a com olhar de posse satisfeita — Como a da piorrinha! — Murmurava, afogada em Júbilo. (QUEIRÓS, 2008, p.332)

O fato de se vestir dos seus bens, Juliana se sentia a própria Luísa na condição e na imagem. Observava seus vestidos, suas roupas brancas e suas botas com tamanho entusiasmo. Para Juliana aquele era seu maior momento de honra.

Mas, a sua comemoração pelas conquistas era em segredo, ou esporadicamente na presença da tia Vitória, contudo a sua maior satisfação era mostrar a si que tinha alcançado seu conforto, que se retaliara de uma patroa, que lhe tomou também a sua posição:

“E todas as noites Juliana fechada no quarto [...] desmarcava roupa, desfazendo as duas letras de Luísa marcando regaladamente as suas, a linha vermelha enorme — J. C.T. — Juliana Couceiro Tavira!” (QUEIRÓS, 2008, p.328)

A satisfação de Juliana em assumir o lugar de Luísa não estava relacionada apenas com o fato de ser pobre e desejar melhorar de vida, mas ao longo da narrativa a criada revela-se uma pessoa extremamente invejosa, não é só o dinheiro, embora seja um dos principais fatores, mas havia também o fato de Luísa ser uma mulher bonita, delicada, doce que conquistava o carinho de todos, além disso, ela tinha um marido e naquela época o maior desejo das mulheres era conseguir um marido, era a realização de um sonho, sonho este que Juliana se via cada vez mais longe de alcançar

4.3 O fim do reinado

É necessário enfatizar que os erros e acertos fizeram parte da trajetória de Juliana. Como já foi mencionado nesta pesquisa, ela arquitetou diversas estratégias adequadas para cada situação, com muita avaliação, Juliana estava sempre alerta aos conselhos da tia Vitória, ouvindo e fazendo as suas instruções. Soube ser sagaz, em boa parte do seu triunfo durante o seu reinado, o que lhe rendeu uma tranquila estadia na casa e o controle total da situação. No entanto, Juliana perdeu completamente o controle quando decidiu assumir a Luísa na sociedade e não somente no lar, de alguma forma Juliana desejava assumir totalmente a vida da patroa.

A maldade exagerada, o decisivo a ruptura das leis de um novo reinado, e apoderação dos bens alheios, foram os principais motivos que ocasionaram o fim do reinado de Juliana, despertando o desprezo e o ódio.

Juliana destruíra a paz e o lar de Luísa, e, além de realizar seus desejos, vingou-se sem piedade da patroa, fazendo-a experimentar terríveis sensações: a indignação de ser chantageada e roubada; a humilhação de ser serva e o desespero de silenciar toda sua tortura. Notemos que todas essas sensações eram semelhantes às dores pelas quais Juliana havia passado durante toda a vida: sentira-se roubada quando não recebeu a herança da tia de Jorge; sentia-se humilhada por haver de servir, engomar, varrer e despejar durante vinte anos; sentira-se desesperada por não ter como escapar de sua sorte e, assim, calar seus infortúnios. Ela devolveu suas inconformidades à Luísa, com um misto de satisfação, inveja e vingança, porém exagerou, e encontra-se aí o seu maior erro. (ROBERTO, 2013, p.33)

A sede de vingança que Juliana alimentava foi a principal causa para a ruína do seu império, a qual não soube empregar bem a crueldade, permanecendo nela quando não era necessário mantê-la, ou seja, sua ascensão estava segura, não havia a necessidade de

humilhar, de torturar e de amedrontar Luísa demasiadamente como foi feito, bastava agir como no início de maneira ponderada e calculada que fosse possível converter os lucros em benefícios.

O fato de continuar sendo criada, deixando Luísa gozar de seu ócio como antes, seria uma grande estratégia, pois poderia não evitar o ódio, mas, pelo menos, pouparia a manifestação dele, uma vez que Luísa continuaria tranquila em sua posição burguesa. Seria impossível Juliana continuar no poder, uma vez que as maldades, ao invés de cessarem, eram renovadas diariamente.

Como é possível ler na narrativa, por continuar agindo de maneira impensada, Juliana foi a única responsável por tornar a situação insustentável, e Luísa, movida pelo desespero, causado tanto pela chantagem e principalmente pela inversão de papéis, encontrou forças na sua tortura e decidiu pedir ajuda a Sebastião, na tentativa de reaver o seu poder conforme descrito no trecho a baixo:

— Sebastião, escrevi uma carta a um homem; a Juliana apanhou-a. Estou perdida! [...] — Escrevi ao meu primo - repetiu, com olhos cravados nele, ansiosamente — a mulher apanhou-me a carta.... Estou perdida! ” [...] — Ao princípio pediu-me seiscentos mil-réis. Depois começou a martirizar-me... tive que dar vestidos, roupa, tudo! Mudou de quarto, servia-se de meus lençóis, dos finos. Era dona da casa. O serviço que faz sou eu!... Ameaça-me todos os dias; é um monstro [...] A minha vida é inferno. Se Jorge soubesse!... Aquela infame queria hoje dizer-lhe tudo... E trabalho como uma negra. Logo pela manhã é limpar e varrer [...]. Tenha pena de mim, Sebastião, por quem é, Sebastião! [...] E chorava, com as mãos sobre o rosto. (QUEIRÓS, 2008, p.399-400)

Por também lhe despertar ódio: “*mas merece a morte, essa infame! Exclamou batendo com o pé no chão*” (QUEIRÓS, 2008, p.400), Sebastião, ouviu todo o sofrimento de Luísa, se prontificou para ajudá-la imediatamente, sendo envolvido por todo aquele sofrimento. Este era o momento, Luísa encontrava no seu amigo, um confidente e, mais que isso, um exército determinado a tomar de volta tudo o que Juliana lhe roubara. “É necessário tirar-lhe as cartas...” (QUEIRÓS, 2008, p.401), dizia Sebastião convicto, calculando como agiria. Luísa, portanto, entrava na guerra pelo seu poder usurpado.

Juliana detestava a vizinhança; sabia que a escarneciam, que a imitavam, que lhe chamavam a "Tripa Velha"!... Pois também dela não haviam de saber nada! Podiam rebentar de curiosidade! Vinham de carrinho! Boa! Tudo o que visse ou que lhe cheirasse havia de ficar guardadinho, lá dentro. — "Para uma ocasião" — pensava com rancor, sacudindo os quadris. (QUEIRÓS, 2008, p. 98)

Juliana não tinha bons amigos, porque não era benquista pelas pessoas, a única pessoa com que se relacionava intimamente com ela era a tia Vitória, mas, desde que se tornara irracional, já não buscava o auxílio de seu ministro, passando a agir sozinha. Em suma, se Juliana não tinha bons amigos, também não tinha bons exércitos, ou melhor, não

tinha ninguém por ela. O seu reinado estava, portanto, desprotegido. Depois do desabafo de Luísa, Sebastião planejou detalhadamente como chegar até Juliana e tomar-lhe as cartas: “— *Eu vou me entender com ela... é necessário que ela esteja só em casa... podiam ir ao teatro, esta noite.* ” (QUEIRÓS, 2008, p.401). Juliana estaria sozinha à noite em casa, pois, nessa altura, Joana havia sido demitida, assim, com os patrões também fora de casa, seria perfeito para atacá-la.

Por ter total confiança no amigo, Luísa apresentou-lhe a maquinação do plano: “*E então, muito chegados, ao canto do sofá, Sebastião foi-lhe dizendo um plano, em palavras baixas, que ela devorava, ansiosa.* ” (QUEIRÓS, 2008, p.401). O plano fora idealizado, em particularidades. Para deixar Juliana desprotegida em casa, Luísa vai ao teatro com Jorge, Sebastião, juntamente com a polícia, invadiu a residência de Luísa, sem medo não demorou a ir direto ao assunto:

— Dê cá umas cartas que roubou à senhora... Juliana teve um movimento para correr à janela, gritar. Sebastião agarrou-lhe o braço, e fazendo-a sentar com força sobre uma cadeira: — Escusa de ir à janela gritar, a polícia tá cá dentro de casa. Dê as cartas, ou para enxovia! (QUEIRÓS, 2008, p.421)

Não havia escapatória para Juliana, tudo que foi conquistado, teve por fim que entregar, seus sonhos, seu conforto da velhice, seu reinado realizado:

— Espere, seu diabo! — Gritou ela, erguendo-se com um salto. Fixou-se rancorosamente, sabotou o corpete, enterrou a mão no peito, tirou uma carteirinha. Mas de repente, batendo o pé, num frenesi: — Não! Não! Não! [...] Sebastião apanhou a carteira. Havia três cartas: uma muito dobrada era de Luísa; leu a primeira linha: “Meu adorado Basílio”; e muito pálido guardou logo tudo na algibeira interior do casaco. (QUEIRÓS, 2008, p.421-422)

Entregou as cartas, mas contou tudo quanto sabia sobre Luísa, gritava furiosa: “*É que nem as do bairro alto!*”, “*a bêbada*”, “*a cabra*. O desespero de Juliana era tamanho que ela agrediu Sebastião de forma humilhante: “*Juliana então alucinada de raiva, com os olhos saídos das órbitas, veio para ele, e cuspiu-lhe na cara!* ” (QUEIRÓS, 2008, p.423). Ao entregar as cartas, o descontrole da vigarista era certo considerando que indicaria a perda de sua coroa, o que seria o mesmo que morrer, e finalmente foi isso que se sucedeu.

Não suportando aquela condição de fracasso e, como estava fragilizada, com a doença do peito já avançada, não demorou para derrubá-la de vez: “*Mas de repente a boca abriu-se lhe desmedidamente, arqueou-se para trás, levou com ânsia as mãos ambas ao coração, e caiu para o lado, com um som mole, como um fardo de roupa.* ” (QUEIRÓS, 2008, p.423).

Extinguir-se, portanto, os dois: Juliana e seu reinado. As cartas foram devolvidas à Luísa, que se desfez delas, enfim estava livre: “[...] acendeu uma vela e queimou as cartas.

As mãos tremiam-lhe; e via, com olhos marejados de lágrimas, a sua vergonha, a sua servidão irem-se, dissiparem-se não fumo alvadio! Respirou completamente! Enfim! ” (QUEIRÓS, 2008, p.436).

Gozando de sua soberania, sem temor, sem rancor, voltou a ser a senhora do lar. “*Foi então à sala, à cozinha, ver a casa: tudo lhe pareceu novo, sua vida cheia de doçura; abriu todas as janelas; experimentou o piano [...]*” (QUEIRÓS, 2008, p.436). Encontrava-se realizada, Juliana havia morrido, enterrando consigo o segredo. As cartas se foram e assim recuperou sua autoridade. Mas, assim como a sorte de Juliana mudou, a sua sorte também, estava prestes a mudar.

4.4 O desfecho trágico

“*Que bem que vou passar agora!*” — *Pensava.* (QUEIRÓS, 2008, p.436). Luísa acreditava que estava livre com a morte de Juliana, a chantagem tinha chegado ao fim e era verdade, mas sua felicidade não voltaria com esse acontecimento.

Vale mencionar que Juliana, independente, de Sebastião roubar-lhe as cartas, não continuaria por muito tempo ditando ordens na casa, tampouco guardando o segredo de Luísa. Primeiramente, porque Jorge já a queria na rua; segundo, porque Basílio enviaria uma carta à Luísa, e Jorge violaria a correspondência, descobrindo, assim, o adultério. Sem dúvidas, a sorte de Juliana mudaria de qualquer forma e, não tendo outros meios, estava mesmo condenada à servidão, caso não tivesse morrido.

Ao contrário de Juliana, Luísa sempre contou com a virtude e também com a fortuna, começando pela capacidade, entendendo que tinha vocação para organizar o lar e de despertar benquerença em seus súditos, a exemplo, Joana que sempre a chamava de “santa”; quanto à fortuna casou-se com Jorge, homem que dava tudo que uma mulher burguesa desejava — uma boa casa, criadas, roupas finas e conforto —, sorte maior não poderia existir para uma moça que vivia em uma sociedade conservadora, onde o sexo feminino só atingiria o seu apogeu através de um bom casamento.

Após a noite agitada, Luísa acorda com febre e segundo Julião, era apenas uma febre nervosa. Com a morte de Juliana, Joana volta a trabalhar na casa. Mariana, a nova criada, acha Luísa um doce. Luísa começa a ter crises de febre e piora. Julião diz que o quadro inspirava cuidados. Era uma febre nervosa causada por algum tipo de excitação mental. Jorge recebe uma carta de Paris para Luísa e para não incomodar a esposa, abre-a. Era Basílio

respondendo ao pedido de dinheiro que Luísa lhe fizera e como já havia se passado mais de dois meses ele esperava que o problema já houvesse sido solucionado.

A carta termina com Basílio por fazer-lhe juras de amor e referências ao Paraíso. Jorge chora e lembra-se de que não podia incomodar a esposa. A pedido de Luísa, vai ao quarto, ela o vê aflito, quase chorando. Julião chega e o repreende por estar no quarto daquele jeito. Jorge, com ciúmes, questiona o que havia acontecido e chega à conclusão de que a morta possuía o segredo. Mostra a carta a Sebastião que nada lhe revela e pede apenas que se acalme.

Nesse sentido, vale elucidar que Jorge, mesmo descobrindo o adultério, perdoou Luísa, colocando o amor acima dos valores conservadores da época “*Juro-te, amo-te... Fosse o que fosse, não me importa, não quero saber não*”. (QUEIRÓS, 2008, p.457).

Jorge ao perceber a melhora de Luísa solicita a presença do Doutor Caminha, um antigo médico da família. Num instante de lucidez, o perceber que estava calva, Luísa chama por Jorge. Em seguida, seu estado de saúde se agrava. Ao chegar, o Doutor Caminha põe um causticante, mas é em vão. Julião comunica a Sebastião que não havia mais solução para Luísa.

Dona Felicidade ao comunicar Jorge sobre a esposa, o mesmo fica desolado, duvidando dos propósitos de Deus e da Igreja, ou seja, que Deus era injusto ao trazer tamanho sofrimento. Diante desta situação perde o apetite. Prostrado próximo ao leito de Luíza, intercede a Deus pela sua saúde. Com conhaque, os médicos tentam reanimá-la, mas é inútil. Sem demora, Jorge é recolhido do quarto por Sebastião, o mesmo pega uma caixa para apreciar os cabelos da amada. Por fim Luísa morre.

Caso Luíza não tivesse fortemente adoecido, permaneceria com toda a riqueza e conforto, porém a desventurada não consegue desfrutar da sua volta, visto que faleceu atacada por enfermidades nervosas, resultante por toda opressão o qual foi posto pela criada. Mas não morreu no anonimato e odiada como Juliana, no funeral a jovem Luísa fora até intimada de anjo, e destacadas suas qualidades.

Mais um anjo que subiu ao céu! [...] Ali jaz a casta esposa tão cedo arrancada às carícias do seu talentoso cônjuge. Ali soçobrou, como baixel no escarcéu da costa, a virtuosa senhora, que em sua folgazã natureza era um encanto de quantos tinham a honra de se aproximar do seu lar! ” (QUEIRÓS, 2008, p.471)

Jorge após o sepultamento dispensa as criadas e muda para casa de Sebastião. Dona Felicidade torna-se freira, enquanto, na residência de Acácio o conselheiro, o mesmo redige o obituário incorporado de locais comuns. Quando Adelaide, sua empregada e Amásia o interrompe e o leva para cama.

Ao retomar de Lisboa, Basílio vai à casa de sua prima Luísa, e é notificado por Paula que sua senhora falecera e que Jorge encontrava-se com Sebastião. Todos os vizinhos falam sobre a afronta do primo da falecida. Muitos dizem rezar por Luísa a noite, exceto Paula que não era religiosa.

Ao passear vagarosamente pelas ruas de Lisboa, Basílio e o visconde Reinaldo, maldizem e menosprezam Luísa. O primo da defunta comenta: ela me serviu por dois meses, quando enquanto estive na cidade. E lamentou não trazer Alphonsine, logo dirigem-se para Taverna Inglesa, tomar Xerez.

CONCLUSÃO

O mundo tem passado por constantes mudanças, as pessoas da sociedade moderna estão longe de se portarem como aquela retratada na obra em questão, no entanto, pode-se observar que muitos dos conflitos de hoje já existiam naquela época, porém de forma camuflada. A ousadia de Eça de Queiroz em abordar o adultério em sua obra foi tamanha, visto que na época da publicação as pessoas não falavam abertamente sobre isso, mas o autor demonstrou não só essa questão, mas também a diferença de classes sociais, o desejo da empregada Juliana de conquistar uma posição melhor na sociedade e garantir sua aposentadoria e a forma que ela encontrou para tentar realizar seus sonhos.

Trazendo para os dias atuais, pode-se perceber que existem muitos casos semelhantes, talvez não relacionados ao adultério, mas à chantagem, quantas Julianas não existem por aí? Esperando uma oportunidade para crescer à custa de outra pessoa? Com a corrupção escancarada atualmente é comum a veiculação de notícias diariamente sobre planos arquitetados com intuito de receber benefícios seja em qualquer área, por esse motivo, pode-se afirmar que a obra “O primo Basílio” de Eça de Queiroz apesar de ter sido publicada há muito tempo não está tão longe da realidade, ainda pode ser aplicada nos dias atuais e o estudo e análise da mesma nos proporcionou um aprendizado indescritível.

Vale enfatizar que a obra supracitada é romance de caráter sociológico, pois além de se apresentar diferentes estratos sociais, o autor apresenta o conflito de classes. Sendo assim, uma crítica profunda aos padrões burgueses e ao mesmo tempo funcionando como uma denúncia das características maléficas da burguesia.

A obra trabalhada, busca podridão moral da classe média da época em Portugal, apontando para Jorge e Luísa como modelo da sociedade burguesa, com boas condições financeiras e belos, porém somente aparências, para manter escândalos ocultos, malícias e desejos sexuais exacerbados.

A partir da análise da obra, foi possível concluir que Juliana tornou-se uma pessoa amarga ao longo da vida devido às dificuldades enfrentadas, por pertencer à uma classe social menos favorecida, por conviver com pessoas que tinham condições financeiras melhores que a sua e que era fúteis e esbanjavam riqueza, enquanto ela precisava servi-los. Motivada por seu desejo de ascensão social e sua amargura, Juliana busca oportunidades para alcançar seus objetivos e essas oportunidades surgem com os erros de Luísa.

REFERÊNCIAS

BRITO, Marinez Leal de. **A infidelidade abordada na obra “O primo Basílio” de Eça de Queirós**. Aparecida de Goiânia: FAN, 2010.

DANTAS, FRANCISCO J. C. **A mulher no romance de Eça de Queiroz**. São Cristóvão: SE, Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

OLIVEIRA, Cléa de. Vanguardas europeias: o surrealismo português. **Revista Escrita**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-12, 2006. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/8412/8412.pdf>>. Acesso em: 30 de setembro de 2016.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

ROBERTO, Maria Thereza de Carvalho Maximiano. **Juliana e Luísa: a disputa pelo poder, em o primo Basílio**. João Pessoa: UFPB, 2013.

ANEXO A

(Capítulo VII – páginas 178-179 – A revelação)

ANEXO A. Capítulo VII-páginas 178-179- A revelação

À porta não tinha troco para o cocheiro. — Espere! — Disse, subindo furiosa. — Eu lhe mandarei pagar!

"Que bicha! Pensou o cocheiro.

Foi Joana que veio abrir; e quase recuou, vendo-a tão vermelha, tão excitada.

Luísa foi direita ao quarto: o cuco cantava três horas. Estava tudo desarrumado; vasos de plantas no chão, o toucador coberto com um lençol velho, roupa suja pelas cadeiras. E Juliana, com um lenço amarrado na cabeça, varria tranquilamente, cantarolando.

— Então você ainda não arrumou o quarto! — Gritou Luísa.

Juliana estremeceu àquela cólera inesperada.

— Estava agora, minha senhora!

— Que estava agora vejo eu! — Rompeu Luísa. — São três horas da tarde e ainda o quarto neste estado!

Tinha atirado o chapéu, a sombrinha.

— Como a senhora costuma vir sempre mais tarde... — disse Juliana. E seus beiços faziam-se brancos.

— Que lhe importa a que horas eu venho? Que tem você com isso? A sua obrigação é arrumar logo que eu me levante. E não querendo, rua, fazem-se lhe as contas!

Juliana fez-se escarlata e cravando em Luísa os olhos injetados:

— Olhe, sabe que mais? Não estou para a aturar! E arremessou violentamente a vassoura.

— Saia! — Berrou Luísa. — Saia imediatamente! Nem mais um momento em casa!

Juliana pôs-se diante dela, e com palmadas convulsivas no peito a voz rouca:

— Hei de sair se eu quiser! Se eu quiser!

— Joana! — Bradou Luísa.

Queria chamar a cozinheira, um homem, um polícia, alguém! Mas Juliana descomposta, com o punho no ar, toda a tremer:

— A senhora não me faça sair de mim! A senhora não me faça perder a cabeça! — E com a voz estrangulada através dos dentes cerrados: — Olhe que nem todos os papéis foram para o lixo!

Luísa recuou, gritou:

— Que diz você?

— Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui! E bateu na algibeira, ferozmente.

Luísa fitou-a um momento com os olhos desvairados e caiu no chão, junto à causeuse, desmaiada.

ANEXO B

(Capítulo VIII – páginas 198 a 201 – A chantagem)

ANEXO B. Capítulo VIII- páginas 198 a 201- A chantagem

Eram quase nove horas quando a campainha retiniu com pressa. Julgou que seria Joana de volta; foi abrir com um castiçal — e recuou vendo Juliana, amarela, muito alterada.

— A senhora faz favor de me dar uma palavra?

Entrou no quarto atrás de Luísa, e imediatamente rompeu, gritando, furiosa:

— Então a senhora imagina que isto há de ficar assim? A senhora imagina que pôr o seu amante se safar, isto há de ficar assim?

— Que é, mulher? — Fez Luísa, petrificada.

— Se a senhora pensa, que pôr o seu amante se safar, isto há de ficar em nada? — Berrou.

— Oh, mulher, pelo amor de Deus!...

A sua voz tinha tanta angústia que Juliana calou-se.

Mas depois de um momento, mais baixo:

— A senhora bem sabe que se eu guardei as cartas, para alguma coisa era! Queria pedir ao primo da senhora que me ajudasse! Estou cansada de trabalhar, e quero o meu descanso. Não ia fazer escândalo; o que desejava é que ele me ajudasse... mandei ao hotel esta tarde... O primo da senhora tinha desarvorado! Tinha ido para o lado dos Olivais, para o inferno! E o criado ia à noite com as malas. Mas a senhora pensa que me logram? — E retomada pela sua cólera, batendo com o punho furiosamente na mesa: — Raios me partam, se não houver uma desgraça nesta casa, que há de ser falada em Portugal!

— Quanto quer você pelas cartas, sua ladra? — Disse Luísa, erguendo-se. Direita, diante dela.

Juliana ficou um momento interdita.

— A senhora ou me dá seiscentos mil réis, ou eu não largo os papéis! — Respondeu, empertigando-se.

— Seiscentos mil réis! Onde quer você que eu vá buscar seiscentos mil réis?

— Ao inferno! — Gritou Juliana. — Ou me dá seiscentos mil réis, ou tão certo como eu estar aqui, o seu marido há de ler as cartas!

Luísa deixou-se cair numa cadeira, aniquilada.

— Que fiz eu para isto, meu Deus? Que fiz para isto?

Juliana plantou-se lhe diante, muito insolente.

— A senhora diz bem, sou uma ladra, é verdade; apanhei a carta no cisco; tirei as outras do gavetão. É verdade! E foi para isto, para mas pagarem! — E traçando, destraçando o xale, numa excitação frenética: — Não que a minha vez havia de chegar! Tenho sofrido muito, estou farta! Vá buscar o dinheiro onde quiser. Nem cinco réis de menos! Tenho passado anos e anos a ralar-me! Para ganhar meia moeda por mês, estafo-me a trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhora está de panria! É que eu me levanto às seis horas da manhã

— e é logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regalada em vale de lençóis, sem cuidados, nem canseiras. Há um mês que me ergo com o dia, para meter em goma, passar, engomar! A senhora suja, suja, quer ir ver quem lhe parece, aparecer-lhe com tafularias por baixo e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão! E a senhora, são passeios, tipoias, boas sedas, tudo o que lhe apetece — e a negra? A negra a esfalfar-se!

Luísa, quebrada, sem força de responder, encolhia-se sob aquela cólera como um pássaro sob um chuva. Juliana ia-se exaltando com a mesma violência da sua voz. E as lembranças das fadigas, das humilhações, vinham atear-lhe a raiva, como achas numa fogueira.

— Pois que lhe parece? — Exclamava. Não que eu coma os restos e a senhora os bons bocados! Depois de trabalhar todo o dia, se quero uma gota de vinho, quem mo dá? Tenho de o comprar! A senhora já foi ao meu quarto? E uma enxovia! A perseverada é tanta que tenho de dormir quase vestida! E a senhora se sente uma mordedura, tem a negra de desaparafusar a cama, e de a catar frincha por frincha. Uma criada! A criada é o animal. Trabalha se pode, senão rua, para o hospital. Mas chegou-me a minha vez — e dava palmadas no peito, fulgurante de vingança. — Quem manda agora, sou eu!

Luísa soluçava baixo.

— A senhora chora! Também eu tenho chorado muita lágrima! Ai! Eu não lhe quero mal, minha senhora, certamente que não! Que se divirta, que goze, que goze! O que eu quero é o meu dinheiro. O que eu quero é o meu dinheiro aqui escarrado, ou o papel há de ser falado! Ainda este teto me rache, se eu não for mostrar a carta ao seu homem, aos seus amigos, à vizinhança toda, que há de andar arrastada pelas ruas da amargura!

Calou-se, exausta; e com a voz entrecortada de cansaços:

— Mas dê-me a senhora o meu dinheiro, o meu rico dinheiro, e aqui tem os papéis; e o que lá vai, lá vai, e até lhe levo outras. Mas o meu dinheiro para aqui! E também lhe digo, que morta seja eu neste instante com um raio, se depois de eu receber o meu dinheiro está boca se torna a abrir! — E deu uma palmada na boca.

Luísa erguera-se devagar, muito branca:

— Pois bem-disse, quase não murmúrio — eu lhe arranjarei o dinheiro. Espere uns dias.

Fez-se um silêncio — que depois do ruído parecia muito profundo; e tudo no quarto como que se tornara mais imóvel. Apenas o relógio batia o seu tique-taque, e duas velas sobre o toucador consumindo-se davam uma luz avermelhada, e direita.

Juliana tomou a sombrinha, traçou o xale, e depois de fitar Luísa um momento:

— Bem, minha senhora — disse, muito seca.

Voltou as costas, saiu.

Luísa sentiu-a bater a cancela com força.

— Que expiação, Santo Deus! — Exclamou, caindo numa cadeira, banhada de novo em lágrimas.

Eram quase dez horas quando Joana voltou.

— Não pude saber nada, minha senhora; na inculcadora ninguém sabe dela.

— Bem, traga a lamparina.

E Joana ao despir-se no seu quarto, rosnava consigo:

— A mulher tem arranjo; está metida por aí com algum súcio!

Que noite para Luísa! A cada momento acordava num sobressalto, abria os olhos na penumbra do quarto, e caía-lhe logo na alma, como uma punhalada, aquele cuidado pungente: que havia de fazer? Como havia de arranjar dinheiro? Seiscentos mil réis! As suas joias valiam talvez duzentos mil réis. Mas depois, que diria Jorge? Tinha as pratas..., mas era o mesmo!

A noite estava quente, e na sua inquietação a roupa escorregara; apenas lhe restava o lençol sobre o corpo. As vezes a fadiga readormecia de um sono superficial, cortados de sonhos muito vivos. Via montões de libras reluzirem vagamente, maços de notas agitarem-se brandamente no ar. Erguia-se, saltava para as agarrar, mas as libras começavam a rolar, a rolar como infinitas rodinhas sobre um chão liso, e as notas desapareciam voando muito leves com um frêmito de asas irônicas. Ou então era alguém que entrava na sala, curvava-se respeitosamente, e começava a tirar do chapéu, a deixar-lhe cair no regaço libras, moedas de cinco mil réis, peças, muitas, profusamente; não conhecia o homem; tinha um chinó vermelho e uma Pêra impudente.

Seria o diabo? Que lhe importava? Estava rica, estava salva! Punha-se a chamar, a gritar por Juliana, a correr atrás dela, por um corredor que não findava, e que começava a estreitar-se, a estreitar-se, até que era como uma fenda por onde ela se arrastava de esguelha, respirando mal, e apertando sempre contra si o montão de libras que lhe punha frialdades de metal sobre a pele nua do peito. Acordava assustada; e o contraste da sua miséria real com aquelas riquezas do sonho, era como um acréscimo de amargura. Quem lhe poderia valer? — Sebastião! Sebastião era rico, era bom. Mas mandá-lo chamar, e dizer-lhe ela, ela Luísa, mulher de Jorge:

— "Empreste-me seiscentos mil réis". — Para quê, minha senhora?" E podia lá responder: "Para resgatar umas cartas que escrevi ao meu amante". Era lá possível! Não, estava perdida. Restava-lhe ir para um convento.